

Coliseu: A Arena Mais Sangrenta do Mundo

As ruínas lendárias permanecem
como um monumento à incrível crueldade
da Roma Imperial

J. BRYAN, III
Condensado de HOLIDAY

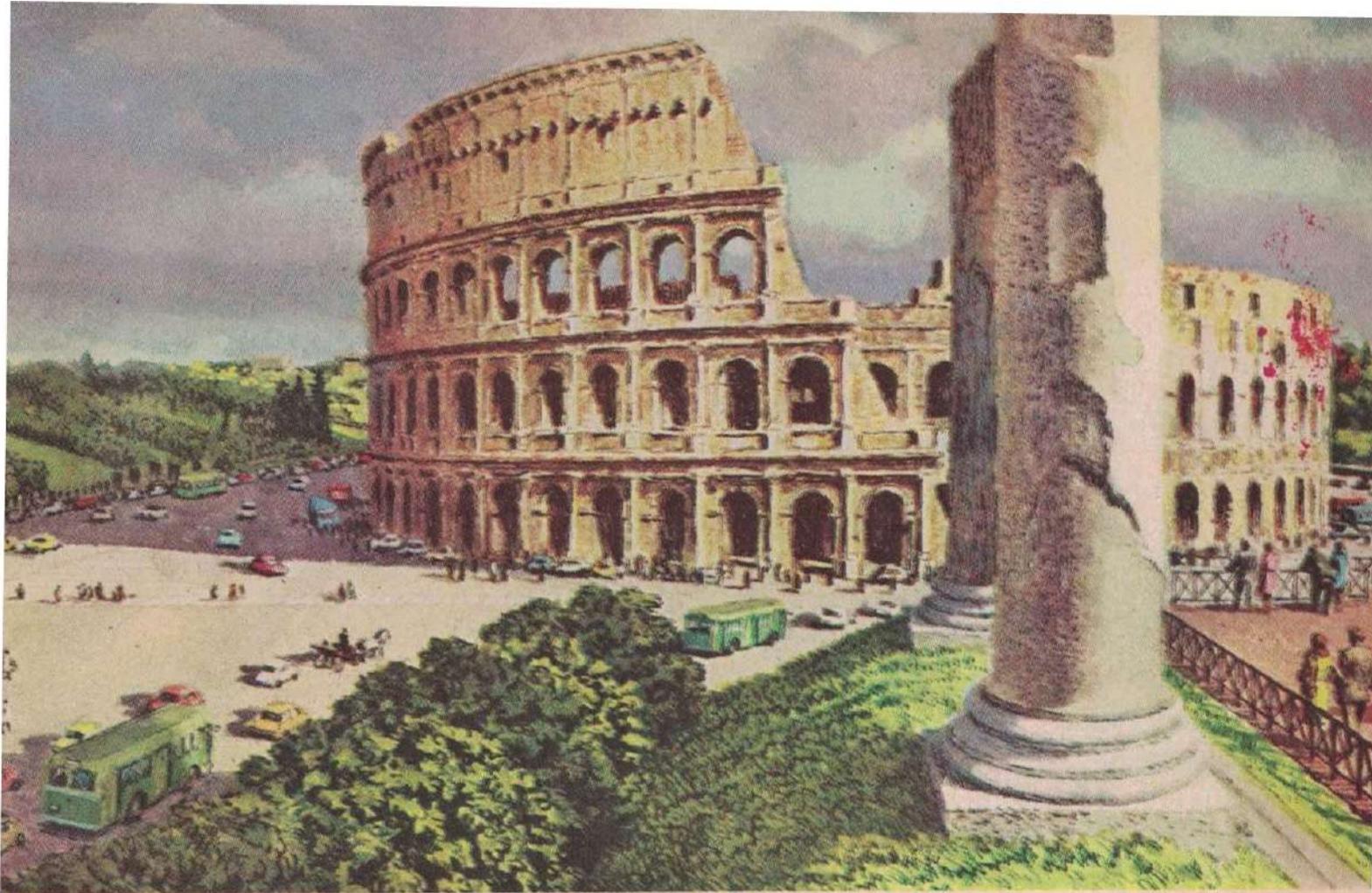
GOETHE CHAMOU ao Coliseu “uma visão de beleza”. Dickens escreveu: “É a vista mais solene, grandiosa, majestosa e triste que se pode conceber.” Stendhal conta que, na velhice, Miguel Ângelo vagueava pelas ruínas “a fim de elevar a alma ao tom necessário para sentir as belezas e os defeitos de seu desenho da cúpula de S. Pedro”.

A estrutura continua sendo uma das mais imponentes do mundo, com uma história à altura, embora para a maioria de nós essa história seja obscurecida por inverdades. Até recentemente a palavra “Coliseu” evocava para mim uma arena poeirenta e turbulenta, onde leões devoravam pacíficos cristãos enquanto Nero se reclinava em pétalas de rosas com

o polegar para baixo decretando a morte. Mas não era assim.

Primeiro, Nero nunca ouviu sequer falar no Coliseu. A pedra fundamental só foi lançada quatro anos depois de sua morte. Segundo, poucos eruditos acreditam que *um só* cristão tenha sido ali martirizado. Terceiro, nem imperadores, nem gladiadores, nem cristãos falavam em “Coliseu”. Para eles era o Anfiteatro Flávio. O nome Coliseu só lhe foi atribuído no século VIII.

Maravilha num Pântano. O Anfiteatro Flávio foi assim chamado por ter sido construído pelo Imperador Vespasiano, que pertencia à família dos Flávios. Os motivos que teve para construir o maior anfiteatro do império romano foram tão substanciais quanto a constru-



ção: poderia ser levantado sem grandes despesas por prisioneiros de guerra, daria a Roma mais um centro de diversões e liberaria parte das terras públicas que antigos imperadores haviam confiscado. É verdade que um obstáculo quase insuperável tinha de ser enfrentado. Nero fizera um lago no local, a apenas algumas centenas de metros do Forum. Os engenheiros de Vespasiano conseguiram drená-lo, mas o chão continuou pantanoso, e como êles conseguiram fazê-lo suportar tão tremendo pêso dá a medida da sua capacidade profissional.

Vejam as proporções do Coliseu. O eixo mais longo é de 189 metros e o mais curto tem 156,50 metros, ao passo que a altura é de 49 metros —quatro andares sem contar os po-

rões e subporões. E era tudo de sólida alvenaria! A estrutura externa e os corredores principais eram de pedra—grandes blocos de travertino presos com ganchos de ferro. O interior era em parte de pedra e em parte de concreto, com revestimento de tijolos. Os lugares, em número de 50.000, eram de mármore e pedra. Pouca madeira foi usada, embora o chão da arena fôsse feito de tábuas para comportar os alçapões que davam acesso à complexa infra-estrutura de depósitos, máquinas para os espetáculos, arsenais, covis de feras e fossas de escoamento.

Arena de Morte. Os 80 arcos do andar térreo eram as entradas. Dois dêles, nas extremidades do eixo mais curto, eram vedados ao público. Cada um levava a um bloco especial

de cadeiras—um para o imperador e seu séquito e o outro, defronte, para os embaixadores e visitantes ilustres —a apenas quatro metros e meio do chão da arena. O resto dos lugares de primeira fila era para os senadores, pontífices e outras autoridades. Atrás ficava uma bancada de 24 filas para cavaleiros e tribunos, depois uma bancada de 16 filas para plebeus, uma de 10 filas para soldados e, no alto, uma para mulheres.

Vespasiano não viveu para fazer a entrega do seu presente. As obras começaram no ano 72 da era cristã, mas nos sete anos decorridos daí até à sua morte os muros ergueram-se apenas até ao terceiro andar. Em mais um ano êles chegaram ao alto. Seu filho e sucessor, o cruel Tito, convidou o público para as cerimônias de inauguração. Os seus “jogos”, na expressão cínica da época, começaram com feras contra feras: urso contra búfalo, búfalo contra elefante, elefante contra rinoceronte. Depois, homem contra fera e, então, homem contra homem. Assim aconteceu repetidamente, de manhã à noite, durante *100 dias*. No fim, Tito chorou—ninguém sabe se de exaustão, de desgosto ou por um pressentimento da morte, que ocorreu daí a um ano apenas.

Foi registrada a matança de 5.000 animais nesses 100 dias. Não há registro das mortes humanas. O seu número chegou certamente a centenas. A torrente de sangue assim iniciada acabou fazendo do Coliseu a área mais encharcada de sangue

do mundo: mais sangrenta que Verdun, mais que Stalingrado. Tão indizivelmente sangrenta que se diz que um papa teria dado um punhado de terra da arena a um grupo de embaixadores. Notando o desapontamento diante de um presente tão mesquinho, o papa espremeu um punhado e o sangue gotejou dêle.

Jogos Típicos. Quem tivesse dinheiro bastante podia patrocinar jogos, e tantas pessoas apreciavam o prestígio e a publicidade que, bem antes da inauguração do Coliseu, havia já 93 dias de jogos por ano. O programa comum era como o de Tito, embora mais modesto. Primeiro, dias antes, colocavam-se cartazes por toda a cidade indicando o patrocinador e anunciando os principais gladiadores e seus feitos. Ao amanhecer do dia designado os animais eram levados de um cercado próximo e soltos nos covis debaixo da arena. Depois vinha um desfile de carros, tendo o patrocinador à frente, seguido pelos gladiadores em clâmides de púrpura bordadas a ouro e pelos escravos que levavam as armas e armaduras.

Que espetáculo deve ter sido! O imperador trajando vestes magníficas, os diplomatas com trajes de seu país, os senadores com togas debruadas de púrpura e sandálias ornamentadas. E acima dêles o *Populus Romanus*, bancadas sôbre bancadas, “cheio e transbordante da vida mais sensual”, na frase de Dickens. Súbitamente, silêncio. Os gladiadores erguiam as espadas e o seu grito

amargo ressoava: "Ave, César! Nós que vamos morrer te saudamos!" Retiram-se marchando. O imperador segura uma echarpe sôbre o parapeito e deixa-a cair. Estruge uma trombeta. Os jogos começam.

Os números preliminares eram muitas vêzes pantomimas de combates com armas de madeira ou acolchoadas. Mas os encontros principais eram para valer. À medida que o ritmo acelerava, o barulho crescia até que a orquestra—trompas, flautas e um órgão hidráulico—era abafada pelos gritos dos espectadores e o clangor das armas.

Gritos de "*Habet!*"—"Foi atingido!"—saudavam um ferimento ou uma queda. Se o vencido tinha fôrça suficiente, levantava o braço esquerdo para pedir clemência. Esta era concedida com os polegares levantados e um agitar de lenços com gritos de "*Mitte!*"—"Mandem-no embora!" Os polegares voltados para baixo negavam-na com "*Iugula!*"—"Matem!" Enquanto um grupo de escravos passava ancinhos pela areia ensangüentada e outro grupo lançava ganchos de ferro sôbre o cadáver e o puxava pela Porta da Morte, o vencedor corria para receber uma fôlha de palmeira e pratos de prata cheios de ouro e jóias. A trombeta tocava para o duelo seguinte.

Não devemos desperdiçar compaixão com êsses profissionais. Os vencedores eram muito mais premiados, mimados e adulados do que os atôres ou atletas campeões de hoje. Decoravam-se vasos com sua efi-

gie; poetas faziam-lhes hinos; nobres damas cortejavam-nos. Além disso, suas vidas alegres não eram necessariamente breves. Muitos gladiadores sobreviviam a duelos e mais duelos e acabavam levando para casa a espada de madeira que simbolizava uma honrosa aposentadoria.

Variedade de Horrores. Os primeiros gladiadores da história romana foram os três pares contratados pelos irmãos Brutos no ano 264 a.C. como um número secundário das cerimônias fúnebres em honra do pai dêles. Pouco depois, Tito Flaminio contratou 37 pares para honrar a morte de seu pai; Júlio César contratou 300 pares; o Imperador Trajano, 5.000.

Os gladiadores eram recrutados na sua maioria entre escravos, prisioneiros de guerra e criminosos condenados, embora alguns fôsem libertos que procuravam fortuna, falidos que tentavam reabilitar-se ou homens de boa família e de dinheiro que lutavam simplesmente pela emoção. Nos seus duelos corpo-a-corpo, o "perseguidor"—um dos tipos básicos de gladiadores—lutava com o tronco nu. Usava um capacete com penacho e levava um grande escudo e uma espada curta (*gladius*, de onde vem a palavra "gladiador"). O seu adversário era em geral um "retiário", que não usava qualquer proteção, mas tinha uma rêde de lançar para enredar o seu perseguidor e um tridente e um punhal para matá-lo. Outros tipos compreendiam os que lutavam de carros ou

com lanças prêsas aos pulsos por longas correias ou com uma espada em cada mão. Às vêzes os adversários usavam capacetes que cobriam os olhos e atacavam no rumo do arrastar dos pés um do outro.

Podêr-se-ia julgar que o mais embotado apetite reagiria a tal variedade de combates, tanto mais quando êles se revezavam com números de variedades: um cocheiro conduzia uma parêlha de panteras, um elefante riscava na areia uma saudação ao imperador. Mas não. A multidão queria sangue, sangue *humano*. O patrocinador tinha muitas vêzes de oferecer-lhe o "jôgo sem fim". Dois condenados, um de mãos vazias e outro armado, eram tangidos a chicote para a arena. O homem armado matava o outro, mas era desarmado e arrastado indefeso até um terceiro homem—e assim por diante, inexoravelmente. Nunca houve espetáculo mais brutal e degradante.

Fim da Carnificina. No ano 404 da era cristã, um monge horrorizado chamado Telêmaco pulou dentro da arena e tentou separar dois duelistas. O pretor que presidia aos jogos fêz-lhes sinal para que o matassem e êles obedeceram. Horrorizado também, o Imperador Honório aboliu os duelos permanentemente. Entretanto, durante um século ainda, animais sem conta continuaram a ter morte no Coliseu. Os espectadores se tor-

naram tão ávidos de sangue que acorriam em chusma das arquibancadas para participar. Antes que essa carnificina terminasse, em 523, o dano era irreparável. O império dizimara para sempre uma parte considerável de sua principal fauna—os elefantes da África do Norte, os hipopótamos da Núbia, os leões da Mesopotâmia.

Êsses milhares de vítimas, homens e feras, tinham clamado por vingança desde o tempo de Tito e foram afinal atendidos. Em 422 um terremoto rachou os muros do Coliseu; depois, outro derrubou dois lanços inteiros de arcadas. Novos tremores em 1231 e 1255 desmoronaram muros. Com a conivência dos papas, a ruína se tornou uma pedreira pública. Parte da pedra foi queimada para fazer cal, parte foi empregada em construção (fragmentos do Coliseu contribuíram para a construção de S. Pedro). O Coliseu foi usado então como arena de touradas, depois como mercado, depósito de salitre e capela de missas negras.

O século XX acelerou-lhe o declínio e as autoridades civis de Roma por muito tempo o esqueceram. No ano passado êle foi submetido a uma limpeza, mas hoje está completamente abandonado, salvo por manifestantes—que o usam de vez em quando para comícios políticos—e por turistas que tentam ouvir os ecos esquivos de seu passado imperial.



Não provoque a Belina.



É dirigindo que se aprende a amar a Belina. A direção é sensível, a posição confortável, as marchas entram suavemente. Tão suavemente que em poucos segundos você passa da primeira à quarta e não resiste a uma provocação.

Provocada, a Belina chega facilmente a 135 km/h.

Mas, é claro, você não precisa sair correndo por aí só para mostrar o motor que tem. Basta abrir o capô e ele está ali, no devido lugar, bem à vista: 68 HP, 1.289 cm³ de cilindrada e radiador selado, aquele que aproveita as vantagens dos sistemas de refrigeração a água e a ar e deixa as desvantagens para os outros.

Esse motor aguenta a família, a bagagem da família (em 855 dm³ de espaço normal ou 1.680 cm³ com o banco traseiro reclinado) e, se fôr preciso, muitas provocações. É chato mas é verdade.

CORCEL BELINA 

Em 70 a Ford-Willys dá a você o privilégio da escolha. Veja a linha Corcel: Cupê, Sedan (standard e luxo), GT, Belina (standard, luxo e luxo especial). Adquirá-os também através do Consórcio Nacional.

